

A  
*licitude*  
*dos olhos*



TERE TAVARES

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Claudia Manzollilo

ILUSTRAÇÃO DA CAPA  
Tere Tavares

DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

T231v      TAVARES, TERE. 1956 -  
A LICITUDE DOS OLHOS / TERE TAVARES. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

100 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-065-7

I. CONTOS I. TÍTULO.

CDD B869.3

---

Índices para catálogo sistemático:  
I. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## A fluidez ou

Yudif não aceitava o sofrimento de não ter visto a verdade dentro do frio – pensava-se inadequado ao seu ofício, mas perfeito à eficácia do mundo. Aprofundava-se no natural, rebelando-se contra a inabilidade em lidar com os outros como algo meramente inevitável.

O que eram para Yudif as instâncias que lhe aconteciam? Como se adoecesse do seu próprio inverno? Sua personalidade irregular o retinha, mal ou bem, e se sucedia intermitente, em normas descompactadas, fatalmente grandiosas e inerentes à exterioridade. O fervor da terra no alto do monte chegava até sua varanda, num rio intenso e percuciente que o alcançava como uma dádiva.

Uma virtude fatal para Yudif: ser os erros e defeitos de todos os defeitos e erros, sumir e assumir, julgar, compreender pouco, nunca por querer algo diferente do que obtinha – como se adoescesse num arroubo do qual não lhe fora possível fugir nem soubera evitar, mas que descrevia perfeitamente o espaço



em que era mais autêntico, laminável, frente à percepção que lhe auferiam os métodos.

Yudif evidenciava-se, paradoxalmente, como estrutura e expressão, ainda que isso lhe fosse incompreensível e brutal, atraindo-o a significados sem que ele percebesse que, ao fazê-lo, também forrava de sentido o seu mundo, reconhecendo que pouco se conhecia.

Ele não dava em resultados enquanto concebia algo que unisse firmeza e emoção; assemelhava-se a uma simbologia onde a solidez se deixava transpassar pela fluidificação ousando sem aparentar atrevimento. Por vezes, imaginava ceder à necessidade de uma existência abstrata: a sensação, e que esta teria, em justaposição, a concretude para, unificadamente, se contemplarem. A sensação é mais rítmica e a concretude mais durável; a sensação é instável enquanto a concretude definha vagarosamente; ambivalentes, ambas, ante ao que lhes decorre e as rodeia. Se haveria sentido ou ciência nisso? Yudif não atinava.

Ah! Os cortes; não há mesmo como suprimi-los. Os entranhados estranhamentos que sobram nas interlocuções momentâneas. Yudif, ilimitadamente, compunha-se no que, em definitivo, o habitava: o inextinguível papel do sublime [entrar nos anos com ou sem dignidade, numa construção sempre parcial, imaginativa, na revisitação, na inconstância como se fosse um milagre ou malogro] nunca posto antes nos rodopios estelares, vítreos, sempre, para ele.

Que passassem logo o seu talvez e o seu nunca mais. No fundo, Yudif queria isso. E queria com todo seu desespero.



Percebia-se na sua fala quase monossilábica: “A arte é uma paixão em si mesma. Meu humílimo acréscimo. Parece contraditório. Descansar para depois dormir. Conheço bem o processo. Céus, estendam-me o sudário dos humildes quando a cristalinidade chegar!”

Disse-lhe, então, o ferimento que o sol estendera no cordão: “Que sejamos boas sementes e que tudo nos receba com bondade. As fusões do outono são mensagens para que a alma, liquidamente remodelada, reinicie, numa reflexiva espuma, sua indubitável biologia”.

Yudif decantou-lhe, enquanto, colado à Teoria do Octeto, adentrava no sempre, suportando-se, desenlaçando-se, desapegando-se por inteiro: “Sim. Quando emociona. A arte é arte apenas quando emociona”.



## **A manhã**

As doze estações, nenhum sinal de outro ser por perto, sete dias e o feriado. A indivisibilidade era tudo o que cercava aquelas montanhas, aquele espaço inclemente. Eugenia sempre gostou e admirou o menino, do fundo d'alma. Era um homem, entretanto, que ela enxergava sob o chapéu de cores cruciais: Arthur. O afastamento não é próprio do humano. “Nossos olhos convergem. Sem tergiversação. Sem evasivas nem divisas. Somos espalhados, dispersos como espelhos em nosso des-olhar. Por vezes, é bom não ver – as coisas visíveis são as que mais tropeçam”, dizia-lhe Eugenia, friamente.

Eles eram como flocos de inassiduidade dispostos lado a lado, à procura de maiores satisfações, como hastes que ascendiam unicamente por se saberem na mansuetude de algo incontrolável. “Arthur, acaso imaginas os cálculos cáusticos, perdidos nas subtrações que se contorcem nas contas dos rosários? Não é preciso livrar-se do que nos livra.”

Eugenia emergia daquelas absorções e, como um



arum, se fendia, feria as paisagens, sem auferir se sangrava ou não. Ela abraçava o mundo. De cima, de onde é sempre bom saltar. Porque nem o céu lhe era limite. Faltava-lhe algo – talvez a felicidade. Tudo parte algum dia. Ir embora. Esse destino chega para tudo e para todos. Como cores que se desgarram do zelo e pintam o desconhecimento com toda a intensidade.

“As cores falam a verdade. A verdade é colorida. A verdade é ‘a noite estrelada’. Vou rever todo o arsenal de montanhas com que se carregam os teus objetivos. Que eu acato sem escusas. Quando a falha é sede e sanidade. Vem Arthur, que já desabrocham os mananciais, e a beleza suspira profundamente – tudo acontece e se prolifera no grassar dos gestos que nos preenchem”.

Ele a escutava e lhe dizia: “Eugenia, veio-me à mente o caule amolecido que, à passagem da ventania, apenas se deixa envergar para que ela passe com facilidade, com toda a mixórdia que traz nas entranhas; esse caule não se fere, porque escorre com sabedoria. Cá de meu invólucro, sinto que o resto é a mesma parte, contexto, um inteiro desmedido. Não há restos quando ninguém sobra; o resto é um mendigo sem fome [o que fazer com o resto?]. Eu te diria que a divisão é o que preocupa. Doa-te inteira, meu amor. Hoje o universo nos cobre com bondade. Sublima-nos a vida com toda a sua beleza. Muito ou pouco, partir ou ficar, o que preferes, Eugenia?”.

“Arthur, só o que me é dado, nem demais nem de menos. O que é suportável e transportável. Das travessias



que percorro há, por dentro, um derramamento, um quase apocalipse, a vulnerabilidade um tanto etérea para mim. Sou tudo o que faço e o que me faz. ‘Torna-te amigo da lâmina para não lamentares o corte’ aconselham-me. Embora as interpretações estejam um tanto desfiguradas, e a perda da humildade, do ser humilde, se reduza a uma identidade desconhecida e tenha senão as fluências imaginativas, construtoras de um espaço multifacetado, eu divago esperando alcançar o ente verdadeiro – que conhecemos todos das legiões. Fecho os olhos e, ainda assim, os vejo. Ou os sinto. Ainda não sei bem, movimento-me num *surf* de emblemas e mantras, sutras e salmos. Aventuro-me calada e contrita. Provo porque me agrada. Haja calor para dizer-me o que fazer desse oráculo irreparável que teima em não secar”.

Eugênia reportou-se à infância que não excluía da sua carga de leveduras. “A lua mais linda que já li é ali, junto à fome, que se estende num prato não degustado, porque de prata e só prata no fundo. Não, o tempo é como um rol de fatias que, mesmo assim, é inteiro. Não há que esperar a hora maior para insuflar-se do que há entre pele e ossos, memória e mente. A visão, no topo, tem novo nome, o valor liberto, tátil e sonoro, Arthur”.

Ela aguardou por outra incursão em sua benéfica e reiterada história, emaranhada cruelmente no seu anseio por um sono ininterrupto, aveludado pela paz do que não havia vivido ainda. Eugênia sentia o estertor sem feitios que se enlaçava irrecuperavelmente nas veias ébrias da noite, como





se a morte não fosse morte e se instalasse na sua frente para causar-lhe medo. “Não vejo na morte o castigo. Mas a missão cumprida”.

Na ânsia pelo decorrer dos dias, Arthur perdia-se no que havia sido e não tinha vindo dele, sequer sonhado. Nenhuma divindade o protegia da exatidão da sua retrospectiva inacabada, quase vil, diante do mundo onde qualquer movimento seria inútil. Suas histórias, que só numa semiconsciência elaborava, lhe davam a certeza de que fora diferente do que consentia. Via-se como um arvoredo a verter seiva incessantemente, pensava, passado aquele torpor inevitável e inconcluso, a matéria revisada e impossível de restaurar – não houvera a falha, senão o descuido que nenhuma metafísica de causas primeiras ou últimas poderia reverter ou resgatar do abismo do qual não há retorno, exceto noutra mundo que fosse recriado e criado sem ele. Arthur se enterraria num pântano como um fruto raso e sem sabor, cuja claridade escurecera e sabia não estar mais em si, pois que não mais àquela dimensão pertencia.





[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[www.cm-eusoutros.blogspot.com.br/](http://www.cm-eusoutros.blogspot.com.br/)



[t.teretavares@gmail.com](mailto:t.teretavares@gmail.com)



[/facebook.com/tere.tavares.1](https://facebook.com/tere.tavares.1)